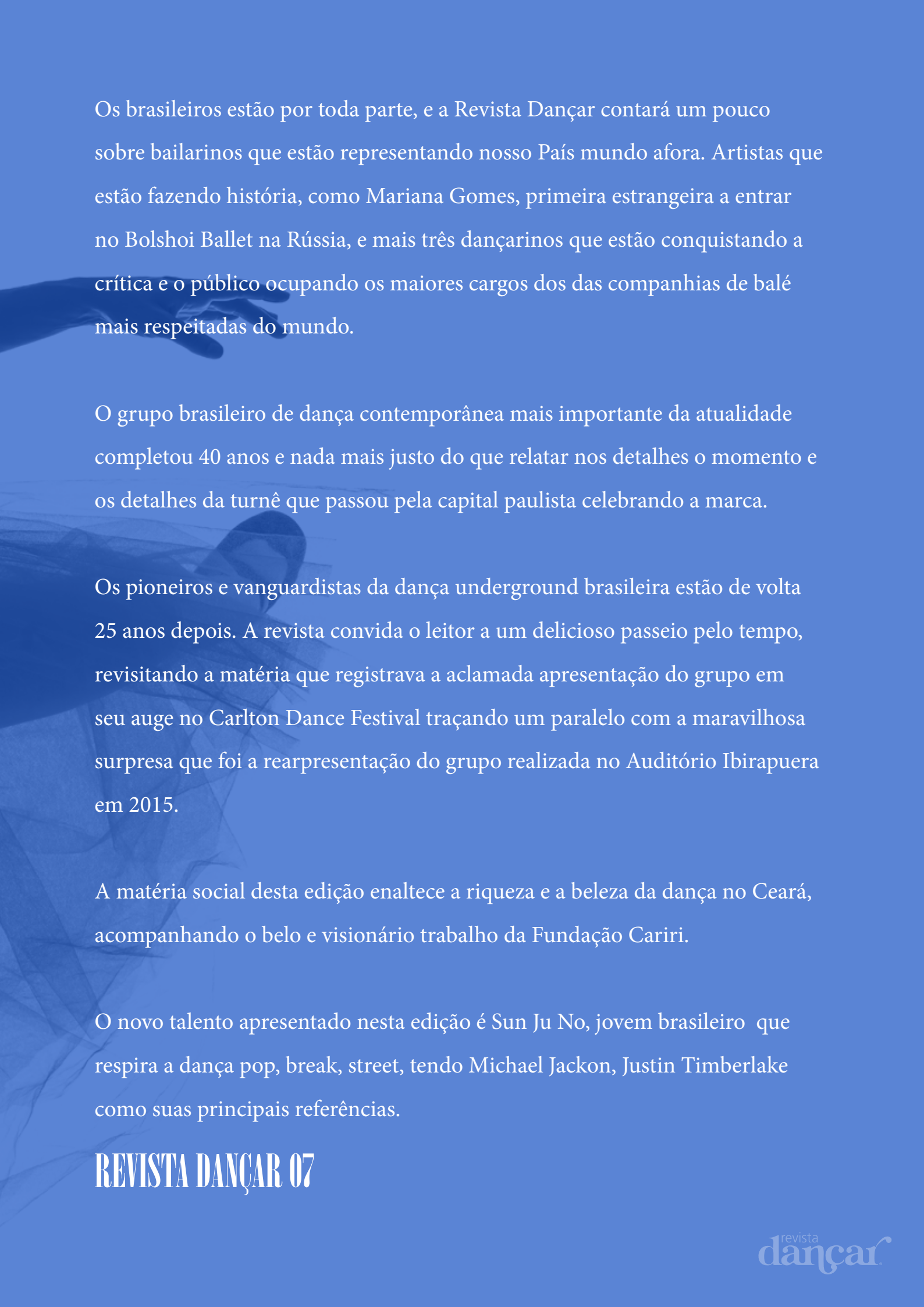




revista
dançar®







Os brasileiros estão por toda parte, e a Revista Dançar contará um pouco sobre bailarinos que estão representando nosso País mundo afora. Artistas que estão fazendo história, como Mariana Gomes, primeira estrangeira a entrar no Bolshoi Ballet na Rússia, e mais três dançarinos que estão conquistando a crítica e o público ocupando os maiores cargos das companhias de balé mais respeitadas do mundo.

O grupo brasileiro de dança contemporânea mais importante da atualidade completou 40 anos e nada mais justo do que relatar nos detalhes o momento e os detalhes da turnê que passou pela capital paulista celebrando a marca.

Os pioneiros e vanguardistas da dança underground brasileira estão de volta 25 anos depois. A revista convida o leitor a um delicioso passeio pelo tempo, revisitando a matéria que registrava a aclamada apresentação do grupo em seu auge no Carlton Dance Festival traçando um paralelo com a maravilhosa surpresa que foi a reapresentação do grupo realizada no Auditório Ibirapuera em 2015.

A matéria social desta edição enaltece a riqueza e a beleza da dança no Ceará, acompanhando o belo e visionário trabalho da Fundação Cariri.

O novo talento apresentado nesta edição é Sun Ju No, jovem brasileiro que respira a dança pop, break, street, tendo Michael Jackson, Justin Timberlake como suas principais referências.

REVISTA DANÇAR 07

Expediente

Presidente

Pedro Bianco

Vice-Presidente

Vanisa Bento-McGrath

Coordenadora de Projetos

Maysa Lepique

Criação

Pedro Bontorim

Elzie Barbosa

Raquel Oliveira

Anita Haibara

Programação Portal

Felipe Mattosinho

Produção

Vanessa Ribeiro

Eduardo Calfe

Atendimento

Cristiane Plens

Larissa Monteiro

Camila Bonazza

Novos Negócios

Lucy Pipulini

Rita Shiguihara

Michele Vanzella

Financeiro

Angela Palmito

Alessandra Gonzales

Luciana Lombardi

Contabilidade

Omiya Contabilidade

Assessoria de Imprensa

Primeira Página

Júridico

Olivieri Associados

Peixoto e Cury Advogados

Transporte

Nasiaseno

Recepção

Paulo Eduardo

José Teles

Limpeza

Gleide Fernandes

Colaboradores

Arteplural

Assessoria de imprensa

Sun Ju No

Produtor Musical

Alysson Amancio

Professor na URCA

(Universidade Regional do Cariri)

Coreógrafo

Luciany Maria

Presidente

Associação Dança Cariri

OUT/'15
07
revista
dançar



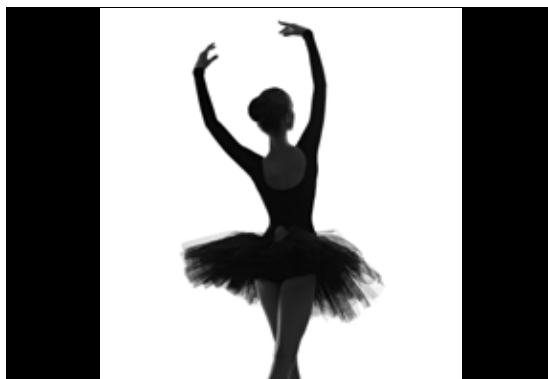
Ministério da
Cultura



05

Made in Brazil: brasileiros pelo mundo

Os bailarinos brasileiros têm conquistado cada vez mais espaço nas academias pelo mundo, deixando suas marcas na história da dança.



15

Arte Brasileira

Triz, mais recente coreografia do Grupo Corpo, faz segunda turnê pelo País, desta vez em programa duplo com Onqotô.



23

Marzipan Voltou com tudo

Após um hiato de 25 anos, a companhia voltou com tudo realizando uma minitemporada.



32

Sung Ju No

Produtor musical, bailarino e coreógrafo, que já dançou em Hollywood ao lado dos dançarinos de Madonna e Michael Jackson.



36

Fundação Cariri

Uma Associação da região de Juazeiro do Norte, que tem promovido um desenvolvimento avassalador na dança caririense.

MADE IN BRAZIL: brasileiros pelo mundo

Muitos dos jovens bailarinos brasileiros sonham em fazer parte de alguma das grandes companhias de ballet do mundo. Bolshoi Ballet, Royal Ballet, American Ballet Theatre, English National Ballet, entre outras que fazem parte dos objetivos desses aspirantes a primo ballerino e prima ballerina.

Mas para estar presente e permanecer entre os melhores do mundo é neces-

sário fazer vários sacrifícios, vencer dezenas de preconceitos, se superar constantemente, aprender a viver com a dor e ter jogo de cintura para o que der e vier. Esses são os pré-requisitos para viver a rotina de um bailarino profissional em companhias do exterior. Contudo, o resultado de todo o esforço e trabalho é gratificante e realizador.

Exportação

Atualmente, em várias vertentes da dança, não necessariamente o ballet clássico, as barreiras geográficas ainda são influentes, mas não são mais fatores determinantes na formação dos melhores bailarinos do mundo. Prova disso é o crescente número de exportação e importação de bailarinos de todo o mundo.





RÚSSIA - MOSCOU

Mariana Gomes

Durante os 230 anos de existência do Bolshoi Ballet, o corpo de bailarinos foi formando apenas por russos. Em 2005, uma brasileira, com apenas 15 anos de idade, ganhou oportunidade de estagiar na companhia de ballet mais desejada entre os jovens bailarinos, a Bolshoi Ballet. Seu nome é Mariana Gomes, e hoje ela é uma das principais bailarinas que compõem o corpo de baile do “grande balé”.

Mariana Gomes nasceu em Minas Gerais no Dia Internacional da Dança, dia 29 de abril. Cresceu na Bahia e desde os 7 anos se enxerga uma bailarina. Aos 14 anos, Mariana foi admitida na escola do Bolshoi em Joinville, a única fora da Rússia. Em apenas um ano de curso, a artista se destacou e ganhou a oportunidade de realizar o sonho de muitos bailarinos, estagiar no Ballet Bolshoi na Rússia.

Sua chegada ao país não foi fácil, em praticamente todos os sentidos. A bailarina teve de deixar para trás sua família, seus amigos e a vida no Brasil. Em Moscou,

Mariana enfrentou dificuldades financeiras por um bom tempo.

O que há de mais marcante na vida da bailarina na cidade russa é o choque cultural. Até pouco tempo atrás, Mariana era a primeira e única estrangeira entre os 300 bailarinos presentes em Bolshoi. A vaidade e a concorrência presentes no ballet, misturadas ao etnocentrismo, agravaram ainda mais as relações entre a brasileira e os russos. Quase ninguém falava inglês, e quem falava não fazia a menor questão de conversar com Mariana; o que ela aprendeu, no início, foi por observação.

Hoje, todo o seu esforço e trabalho são reconhecidos. Ela é uma das principais bailarinas do corpo de baile do ballet e participa de várias apresentações. Depois de Mariana, o Bolshoi Ballet contratou mais dois bailarinos que também estudaram na escola em Joinville: Bruna Caglianone, do Maranhão, e Erick Swolkin, de São Paulo.



INGLATERRA - LONDRES

Thiago Soares

Carioca de Vila Isabel, Thiago Soares teve seu primeiro contato com a dança em um grupo de street dance. Hoje, ele ocupa a posição mais alta entre os bailarinos em uma das companhias de ballet clássico mais renomadas do mundo, a Royal Ballet de Londres.

Thiago tem uma origem muito simples: nasceu em São Gonçalo, mas cresceu no bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro. Deu seus primeiros passos entre os 12 e 13 anos, quando entrou no grupo de street dance do qual seu irmão participava, realizando apresentações pela cidade e participando de competições. Aos 15 anos, ele conquistou uma bolsa de estudos e mergulhou no mundo da dança clássica. Na época, Thiago e sua família ficaram preocupados se a carreira de bailarino seria uma profissão sustentável.

Mas seu talento para a dança só crescia. Venceu competições importantes, como a Moscow International Ballet Competition, na Rússia, com a medalha de ouro, e a Pa-

ris International Dance Competition, na França, com a medalha de prata. Assim que ele entrou para o Balé do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, as suas preocupações com a carreira de bailarino acabaram.

Thiago entrou para o Royal Ballet em 2002. Em três anos, recebeu o título de Melhor Bailarino Clássico do Reino Unido pelo Critics Circle National Dance Award e, um ano depois, foi promovido a primeiro bailarino.

Em 2008, durante a performance de *O Lago dos Cisnes*, Thiago pediu em casamento a primeira-bailarina argentina Marianela Núñez. Juntos, vão estrear em 2015 um documentário dirigido por Beadie Finzi sobre a carreira do bailarino carioca, chamado *All I am*.

Graças à dança, Thiago Soares conquistou Londres e o mundo e, apesar da rotina de intensos ensaios e os sacrifícios que os bailarinos profissionais precisam fazer ao longo de sua carreira, ele é realizado na profissão.



ESTADOS UNIDOS - NOVA IORQUE

Marcelo Gomes

Primeiro-bailarino do American Ballet, Marcelo Gomes é considerado uma máquina de dançar pela sua energia e prazer ao realizar várias performances.

Marcelo nasceu em Manaus, mas cresceu no Rio de Janeiro. Quando tinha cinco anos, ele foi buscar sua irmã em uma aula de dança e descobriu que no segundo andar da escola havia uma aula de teatro musical, ministrada pela bailarina Maria Lucia Priolli. Marcelo interrompeu a aula e disse que sabia fazer o que os alunos estavam fazendo. Priolli gostou dele e o convidou para fazer aulas sem custos. Após três anos, Marcelo se apaixonou pelo ballet quando a bailarina Helena Lobato disse que ele tinha o corpo ideal para o gênero.

Gomes iniciou seus estudos de ballet clássico no Ballet Dalal Achcar, lugar onde ele era o único aluno do sexo masculino. Com os 13 anos ele foi chamado para Harid Conservatory em Boca Raton, na Florida.

Marcelo ganhou uma bolsa de estudos na França e, antes de ir para a Europa, voltou para o Brasil. Por acaso, o American Ballet Theatre estava no País realizando uma turnê, e Gomes se ofereceu como bailarino extra. Os diretores do ABT gostaram dele e queriam contratá-lo, mas a família de Marcelo acreditou ser mais sábio realizar o curso antes de assumir esse cargo.

Aos 16 anos, foi estudar no Paris Opera Ballet School por um ano. Quando terminou o curso em Paris, entrou em contato com o American Ballet Theatre e foi contratado como membro do corpo de baile. Em 2000 ele foi promovido a solista e, em apenas dois anos, se tornou primeiro-bailarino.

Apesar de todo o sucesso no exterior, com projetos como Kings of Dance, Marcelo participa de apresentações em companhias brasileiras, como a Cia. Cisne Negro e a São Paulo Companhia de Dança.

PELO MUNDO A FORA



A sina dos bailarinos brasileiros é encantar, e fica difícil afirmar o contrário. Cada um deles está deixando a sua marca na história, e ainda há outros, como Daniel Deivison-Oliveira e Vitor Luiz, do San Francisco Ballet, Mayara Magri, recém-chegada ao Royal Ballet, Irlan Silva, no Boston Ballet, Carla Körbes, que se está para se aposentar no Pacific Northwest Ballet, entre mais e mais bailarinos que estão conquistando os palcos pelo mundo.

O segredo para estar entre as companhias mais reconhecidas do mundo está além da dedicação e técnica. É preciso saber aproveitar as oportunidades e fazer com que as portas que se abrem permaneçam abertas.



Em Cartaz

40 ANOS DE TRAGETÓRIA

passado e presente em diálogo intenso

O Grupo Corpo celebra em 2015 quarenta anos de companhia. Período no qual realizou 38 espetáculos, viajou por mais de 200 cidades no mundo todo, empregou cerca de 110 bailarinos e bailarinas, além de técnicos, contrarregas, professores de ballet, administradores, assistentes, produtores, costureiras, maquiadores, etc... Números dessa dimensão são realmente impressionantes no cenário cultural do país, que infelizmente ainda está longe de tratar a cultura como direito fundamental e ter políticas públicas para a cultura que

deem de fato oportunidade profissional às companhias estáveis e artistas independentes.

Apoiado em leis de incentivo, o Grupo Corpo conta atualmente com patrocínio da Petrobras, Cemig, Governo de Minas Gerais e Itaú, para manutenção da companhia, produção e circulação dos espetáculos, e movimenta cerca de R\$ 15 milhões por ano. Deste montante, 65% é proveniente de patrocínios e 35% de receita própria fruto de bilheteira, turnês internacionais e venda de espetáculos (in-





formações da gerência de Comunicação do Grupo Corpo).

Desde 1998 o Grupo Corpo se apresenta anualmente no Teatro Alfa de São Paulo – até 2003 na programação geral do teatro e a partir de 2004 dentro da Temporada de Dança. A cada ano a companhia apresenta uma estreia e um espetáculo de repertório para o deleite dos fãs e de novos públicos. No entanto, para comemorar seus 40 anos, a companhia surpreendeu tanto ao apresentar duas estreias na mesma temporada, como por trazer uma coreografia de Cassi Abranches, que foi bailarina da companhia durante 12 anos, agora assu-

mindando a nova função.

Uma das marcas registradas do Grupo Corpo é o convite a grandes músicos para composição da trilha dos espetáculos. Para as obras de 40 anos, a trilha honra a produção musical mineira: Samuel Rosa com a banda Skank assinam a trilha de Suíte Branca (de Cassi) e Marco Antônio Guimarães compôs a trilha de Dança Sinfônica, com regência do maestro Fábio Mechetti. O resultado é tão impressionante que a fila para compra de CDs e DVDs no saguão do teatro após a apresentação é inevitável.

As duas obras comemoram de maneira



precisa e ultra poética a bela trajetória da companhia. Peças em contraste – uma branca, suave, de uma alegria contagiante; outra preta e vermelha, densa, intensamente emotiva, que nos embala em imagens de aconchego profundo – apresentam o conhecido vocabulário do Corpo em reorganização e releituras que atualizam o passado como sólida possibilidade de impulsionar o frescor e a novidade do presente. E assim nos aponta o futuro.

Suíte Branca vai pouco a pouco nos contagiando de leveza, nos surpreendendo com um cenário que vai embrutecendo feito rocha em contraste com a pureza do bran-

co completo: cenário, figurino, e mesmo a música, tudo é muito branco como uma manhã ensolarada. Ao comemorar 40 anos abrindo espaço para uma nova assinatura coreográfica, a companhia apresenta seu sólido legado (feito rocha) com um frescor de novidade (feito manhã ensolarada), explorando novas possibilidades a partir de um vocabulário muito bem desenvolvido e consolidador de uma linguagem peculiar.

Dança Sinfônica nos atinge em outros canais, mais profundos, mais míticos, inevitável não dizer: mais maternais, já que o embalo constante na coreografia nos re-





mete muito naturalmente ao embalo do corpo pendulando quando de um bebê nos braços. Realizando o sonho de ter uma trilha tocada pela Filarmônica de Minas Gerais, a música composta por Marco Antônio Guimarães embala a coreografia de Rodrigo Pederneiras. O maestro Fábio Mechetti comenta a composição fazendo referência à dicotomia inerente à obra: a sonoridade da orquestra com o ritmo que foi implementado são mais contemporâneos, mas os temas remetem ao passado, o que torna a peça extremamente lírica. Assim, as memórias afetivas e criativas dos profissionais envolvidos nesta com-

posição se encontram em diálogo intensamente emotivo que inunda os olhos e o coração da plateia.

Em matéria especial para o jornal O Estado de S. Paulo (Caderno 2, 12 de agosto de 2015), Helena Katz compara o final da obra Dança Sinfônica com a própria vida: “...a vida, ela também um jogo entre trás e frente, se sabe pespontada pela finitude. Para seguir, é preciso acolher e abrigar. O afeto do abraço embala o desalento da solidão solene porque irremediável.”

Que venham mais 40 anos! Que seja ainda mais longa a trajetória desta companhia tão brasileira, tão mineira e tão universal!

DEPOIMENTOS DA PLATEIA

“Como de costume, quando se trata do Corpo, você chega com expectativas altas e acaba surpreendido – muito mais do que satisfeito. A Suíte Branca tem uma leveza gostosa, uma pegada quase pop, eu achei. Prova que dá para

continuar jovem aos 40 anos. Já a Dança Sinfônica... é como se o espetáculo dançasse com as emoções mais profundas de quem assiste: tocante, denso, às vezes triste, sempre lindo. Você sai transformado do teatro.”

- Silvio Fudissaku, editor -



“Acompanho, meio de longe, o Grupo Corpo. Faz anos. Já perdi a conta de quantas vezes tive a sorte de saborear as suas apresentações. O Corpo me lembra, sempre, harmonia, mesmo quando a sua proposta é de desarmonia. Tudo sempre se encaixa com... harmonia: a trilha, a coreografia, o cenário, a ilu-

minação, o figurino... Há, ainda, história, que eu não alcanço. Mas, quem precisa de história assistindo ao Corpo? Tenho para mim que o Grupo Corpo está para a dança como Woody Allen está para o cinema.

Os seus piores são muito melhores do que a média.”

- Flavio Cidade, educador -

“Os espetáculo criados em comemoração aos 40 anos do Grupo Corpo são bem distintos. O branco e o preto, a música popular e a erudita, fazem toda diferença entre eles. A Suíte Branca de Cassi Abranches exige energia e vigor dos bailarinos que mostra a vivacidade que a companhia sempre teve. Cassi mostra a bagagem de 12 anos como bailarina do grupo, sem deixar de colocar sua marca na obra.

A Dança Sinfônica de Rodrigo Pederneiras é uma obra intimista, linda e emocionante, que vai muito além do palco. Nela estão os 40 anos de sucesso, apresentados como homenagem à todos que passaram pela história do grupo, às antigas obras, aos sentimentos, à família.

Aliás, acho que esse é o segredo do sucesso do Grupo Corpo, ser uma grande família.”

- Sandra Aoki, Coordenadora de Marketing -

Releituras

MARZIPAN

Com muita ousadia, irreverência e utilizando o teatro, a mimica e todo tipo de recurso, o Marzipan mostra um trabalho inovador com uma linguagem futurista, batizada de "dança clip". A ideia é recriar situações do cotidiano das grandes metrópoles. O Marzipan, dono de um estilo plástico rápido e dinâmico, trabalha o constante dinamismo. Os integrantes apóiam a sua formação na dança moderna e no teatro.



O Marzipan surgiu no início desta década, em meio a grande movimentação que a dança começou experimentar no Brasil, principalmente no eixo Rio-São Paulo. Os primeiros movimentos do grupo datam de junho de 1992, quando alguns bailarinos se associaram para realizar um programa. Chegando nos corredores e na sala de produção de um espaço de filmes e vídeos "Tenda Para, O Sempre Tenda para Camêda", o Marzipan inaugura em São Paulo uma nova maneira de tratar a dança, utilizando espaços alternativos, mostrando uma linguagem moderna do corpo. É a sinfonia do espaço com a concepção coreográfica.

"Seu histórias de Amor", a segunda realização, define aquele que seria o perfil inicial: um grupo composto sempre por bailarinos, com produções coreográficas que abordam a realidade da mulher, assessorada por Renata Melo. Mas em 1995, com a estreia de "Tenda", inicia a mudança dos projetos teatrais. O grupo incorpora o elemento masculino, abrindo caminho para novas experiências estéticas.

Em "Vampiro" o Marzipan mostra de forma concreta uma linguagem que ainda buscava em seu aprimoramento. Concretiza a partir daí um trabalho que poderia ser chamado de "dança urbana" ou "dança-clip". Cenas de dança fundem criando uma diversidade de temas, com uma vasta utilização de recursos cênicos: coreografia, dança, música, figurino, cenário e projeção de vídeo. Os temas, retirados da realidade mais próxima, contam com forte influência uma série de temas, a permeação do um

diretivo para revelar projetos secretos, o vampirismo de todos nós, amigos que se encontram e vivem amigos perdidos.

Nessa "dança-clip" tem caráter, elementos da dança moderna, dança de salão como a valse, por exemplo, manifestando, tudo mergulhado na urbanidade. Como a dança clássica, e sua linguagem perseguida pelo "modernismo". "Música Antiga", o quarto espetáculo, realizado em 96, situa bem essa ideia estética. Tem a presença física do vídeo explorando todos os possibilidades técnicas do corpo e seu movimento no espaço.

O Marzipan expressa hoje uma face de modernidade nacional. O conteúdo de suas intervenções vem do todo mais cotidiano. As coreografias do elenco, um conjunto que se mantém com o bailarino, se desarticulam na atenção intensiva do público, abrindo o cotidiano do dia a dia. O Marzipan reflete hoje os sete anos de pesquisa na procura de uma linguagem em movimento que retrata as condições humanas dentro de teatros urbanos.

Para o Festival, o grupo paulista apresenta uma coleção de algumas de suas principais peças já apresentadas: "Relíquias Modernas", coreografia de Monique Masson e música de Peter Dinklage; "Bom", coreografia de Renata Melo e música de Barbra Streisand; "A Trilha", coreografia de Lucio Oliveira e música de Franz Schubert; "Tudo de Vampiro", coreografia de Carla Roberto e Renata Melo com músicas de diversos autores; "Assim é o 1.º O Rancor", coreografia de Zélio Nunes em diálogo com a música.

MARCELO BRAGA

DANÇA 83

MARZIPAN VOLTOU COM TUDO

Este ano, o universo da dança foi surpreendido com a volta de uma das mais icônicas companhias de dança underground nacional, a Marzipan. Após um hiato de 25 anos, a companhia voltou com tudo realizando uma minitemporada.



Foto: Paulo Vainer / Divulgação

Marzipan apresenta

Para aqueles que não se recordam, em meados dos anos 80 início dos 90, a Marzipan foi um forte braço para o teatro-dança com seus figurinos excêntricos e suas coreografias que desafiavam o balé tradicional. Hoje, os integrantes estão na faixa etária de 52 a 68 anos, quebrando tabus e colocando em cheque a frase “você passou da idade”.

A nova coreografia do Marzipan, que estreou em junho deste ano no Auditório Ibirapuera, explora o potencial dos corpos após os 50 anos e as suas experiências do passado. Para a criação do espetáculo, os dançarinos imergiram na redescoberta de seus corpos e na memória dos movimentos.

Nunca pare, é sempre tarde para começar

A Revista Dançar acompanhou do início ao fim da jornada da companhia. Na revista especial Carlton Dance Festival, o crítico e professor Marcos Bragato fez um overview da trajetória do Marzipan até aquele momento.

“Com muita ousadia, irreverência e utilizando o teatro, a mímica e todo tipo de recurso, o Marzipan mostra um trabalho inovador com uma linguagem futurística, batizada de “dança clip”. A ideia é recriar situações do cotidiano das grandes metrópoles. O Marzipan, dono de um estilo plástico rápido e direto, trabalha o constante dinamismo. Os integrantes apoiam a sua formação na dança moderna e no teatro.” – Marcos Bragato, Revista Dançar edição especial número 5.

O Marzipan deu seus primeiros passos no início dos anos 80 nos derradeiros anos da ditadura, o que foi fundamental para sua liberdade estética. Renata Melo e Rose Akras eram amigas e curtiam muito punk-rock na época, elas e mais duas bailarinas convidadas apresentaram um espetáculo chamado Nunca

Pare – É Sempre Tarde para Começar no Carbone 14, em São Paulo. Então foi criada a companhia que mexeu com a dança moderna paulistana, o Marzipan. O grupo ocupou espaços alternativos que estavam em sintonia com as concepções coreográficas.

O segundo espetáculo da companhia, Seis Histórias de Amor, caracterizava o Marzipan como um grupo composto somente por mulheres, com isso, a coreografia girava em torno da realidade feminina. Pouco tempo depois, eles estrearam Vampiris que abriu as portas da companhia para integrantes masculinos, isso possibilitou a expansão das linguagens estéticas. A trama de Vampiris era tecida em histórias próximas a realidade, com elementos humorísticos como a de um detetive em busca de seus projetos secretos desaparecidos, amigos que se reencontram e vivem uma paixão, uma luta de box e o vampirismo existente em todos nós.

Com a realização da performance de Vampiris, o Marzipan conseguiu concretizar a linguagem que sempre pes-



quisou, a “dança-vinheta”. Na época, os clipes musicais estavam prestes a explodir e era uma linguagem pouco explorada nos palcos até então. O grupo resolveu realizar danças mais curtas, mais rápidas, entre cinco a dez minutos assim como em um videoclipe, essa estética foi batizada de “dança-vinheta”. Além da dança, a companhia usava de todos os recursos que estavam no alcance para realizar as performances dentre eles estavam mímica, figurinos, cenários, projeção de slides, narração, entre outros que apoiavam a “dança-teatro”.

Com apresentações curtas em casas noturnas, inspirações nos clipes musi-

cais e fortíssimas referências à cultura pop e à moda, o público jovem era muito atraído pelo estilo do Marzipan e lotava plateias de pequenos teatros.

À frente de seu tempo, o multimídia não estava apenas presente em São Paulo, mas no Marzipan, que absorveu a urbanidade e traduziu em gestos. *Manos Arriba* é uma das performances que explora diversas expressões artísticas em convergência com o espaço. O Carlton Dance Festival foi um dos últimos palcos do Marzipan, foram apresentadas nove de suas principais peças, e o crítico João Cândido Galvão deixou registrada suas impressões de cada uma delas:

RELÍQUIA MODERNA
Coreografia de Michele Matalon
e música de Peter Gabriel

“Crítica Social, transformando noivas em achados quase arqueológicos.”

BOXE

Coreografia de Renata Melo
e música de Barbara;
e Atelier n.º 1: O Danúbio

“Discutem o próprio ato de dançar, e suas múltiplas definições.”

A TRUTA

Coreografia de Lúcia Merlino e
música de Franz Schubert;

SEDE DE VINGANÇA
Coreografia de Caca Riberio
e Renata Melo com música de
diversos autores

“A Truta, um delicioso deboche solo e Sede de Vingança, uma alucinada e bem-humorada crítica ao cinema, do “film noir” a James Bond, são os números de maior efeito. Também são os mais bem resolvidos em termos de coreografia e produção. Os dois conseguem levantar a galera como em um gol de campeonato.”

ATELIÊ N°1: O BANCO
coreografia de Zeca Nunes em
silêncio; e Duo Feminino

“Mostram com propositada frieza a pesquisa de gestos que está nas raízes do grupo.”

O NERVOSO
DA MOTOCICLETA

“Não cola, pelo seu humor
previsível e pela sua coreografia
simplória.”

**nas palavras de João Cândido Galvão*

Apesar do último comentário do crítico, João Cândido Galvão considerou a performance do Marzipan um sucesso e ainda relatou que ecoavam da plateia comentários como “Valeu! Arrasou! Um barato! Delicioso! Tem um tal de...!”. Considerou uma ótima escolha a escalção da companhia para o festival.

Pouco tempo depois do festival, o grupo se desmanchou naturalmente. Cada um foi para um lado, uns continuaram na dança, mas se aprofundaram no acadêmico, e outros assumiram outras vocações como engenharia agrônoma, odontologia, turismo, negócios e afins.

Tudo o que vai, volta

Durante o hiato de 25 anos de Marzipan, o grupo manteve um contato familiar se encontrando em aniversários, batizados e casamentos. A ideia do reencontro foi da dançarina, coreógrafa e cirurgiã-dentista Renata Melo, hoje com 58 anos, ela lançou a ideia para os antigos integrantes da companhia e eles abraçaram a ideia. Eles acreditavam que teriam dificuldade de voltar a dançar, mas não imaginavam que sentiriam tanta dor. Esse foi o grande estudo do Marzipan, desafiar seus corpos

ativando a memória de uma época de muita dança. A brincadeira foi longe e se tornou parte do espetáculo, com um trecho representando aquela velha frase “aqui dói!” em que os integrantes apontam para os locais que sentem dor.

A volta da companhia foi um sucesso, e na sua pré-estreia no Auditório Ibirapuera teve os ingressos esgotados. Essa é uma prova que nunca se deve parar, porque sempre é tarde para começar, isto é, sempre que possível, comece e recomece.

Bailarinos Cinquentões

CACÁ RIBEIRO

Idade: 52 anos.

Foi: Ator, bailarino e produtor teatral de 1979 a 1993.

Hoje é: Empresário e produtor de eventos culturais, sociais e corporativos.



Foto: Divulgação / Itaí Cultural

RENATA MELO

Idade: 55 anos.

Foi: Bailarina, diretora, produtora e iluminadora. Formada em Artes Plásticas, trabalhou com dança até os anos 1990.
Hoje é: Exerce funções no teatro e cinema.



Foto: Divulgação / Itaú Cultural

ZECA NUNES

Idade: 57 anos.

Foi: Laureado como Revelação de Coreógrafo pela Associação Paulista de Críticos de Arte, Zeca dançou dentro e fora do Brasil.

Hoje é: Formado em Sociologia pela USP, atualmente trabalha como turismólogo.

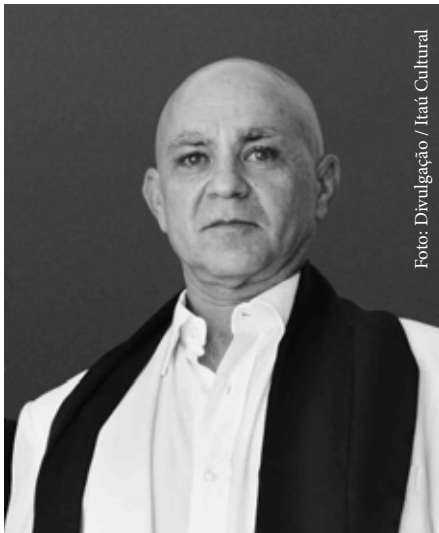


Foto: Divulgação / Itaú Cultural

MICHELE MATALON

Idade: 55 anos.

Foi: Bailarina, diretora, produtora e iluminadora. Formada em Artes Plásticas, trabalhou com dança até os anos 1990.
Hoje é: Exerce funções no teatro e cinema.



Foto: Divulgação / Itaú Cultural



LÚCIA MELINO

Idade: 56 anos.

Hoje é: Doutora em Artes e pesquisadora da área do movimento e da educação somática. É terapeuta corporal, faz atendimento clínico com o método Rolfinf. É docente na Associação Brasileira de Rolfinf.

HERMES BARNABÉ

Idade: 68 anos.

Foi: Atuou como ator-bailarino de 1979 a 1992.

Hoje é: Engenheiro Agrônomo formado pela USP, especializado no setor ambiental.



ROSE AKRAS

Idade: 55 anos.

Foi: Curadora e co-diretora do Forum of Live Art Amsterdam e é professora de pesquisa de movimento da Faculdade de Artes de Amsterdã, e do Somatic Movement Institute.

Hoje é: Mestra em Arte e Educação

* Integrante do Marzipan desde sua criação.



SUNG JU NO

Talentos do Brasil

Nome Sung Ju No

Data de Nascimento 09/11/1987

Formação Produtor Musical

Prêmios 1º lugar Dance Contest 2003

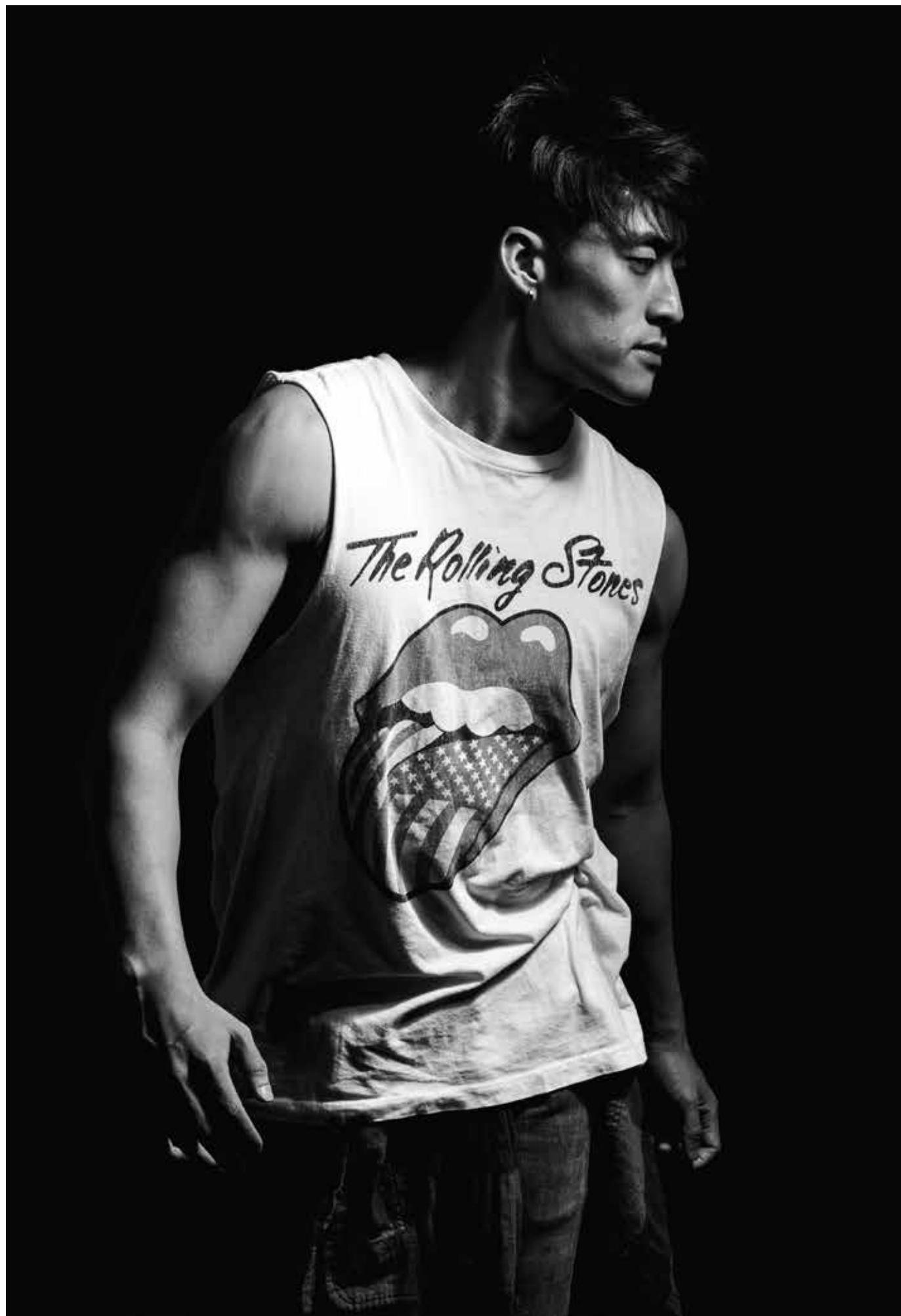
2º lugar Top Dance Orion 2004

semi finalista da 1ª edição do programa

“Se Ela Danca eu Danco” SBT

3º Lugar LG BBOY Championship 2009

3º Lugar Dream Concert 2007



JÁ DANCEI

Comecei a dançar aos 9 anos quando minha irmã trouxe para casa um VHS de um grupo de dança. Lembro-me que copiei todos os passos da coreografia deles e alguns anos depois, acabei fazendo parte do mesmo grupo que havia visto no vídeo.

Entre os acontecimentos que marcaram minha carreira até agora, eu destaco três momentos: O dia em que ganhei pela primeira vez um campeonato de dança, o DANCE CONTEST realizado no clube Ipê, São Paulo, entre 2003-2004; A turnê que fiz com minha própria companhia em 2009, quando tive a oportunidade de conhecer e trabalhar com

os dançarinos do Michael Jackson, Madonna e muitos que me influenciaram. Nomes como Michael Jackson, Justin Timberlake e Usher são grandes influências para minha dança.

O fato mais marcante e que foi um divisor de águas em minha vida foi a temporada que estudei dança em Hollywood, passando por três escolas: Debbie Reynolds Dance Studio, Millennium Dance Complex e The Movement Lifestyle, junto dos professores que sempre admirei e acompanhei o trabalho, como Shaun Evaristo, Vihn Nguyen, Anthony Lee, Tony Tzar, Kyle Hanagami, Sorah Yang e Cj Salvador, entre muitos outros.

HOJE DANÇO

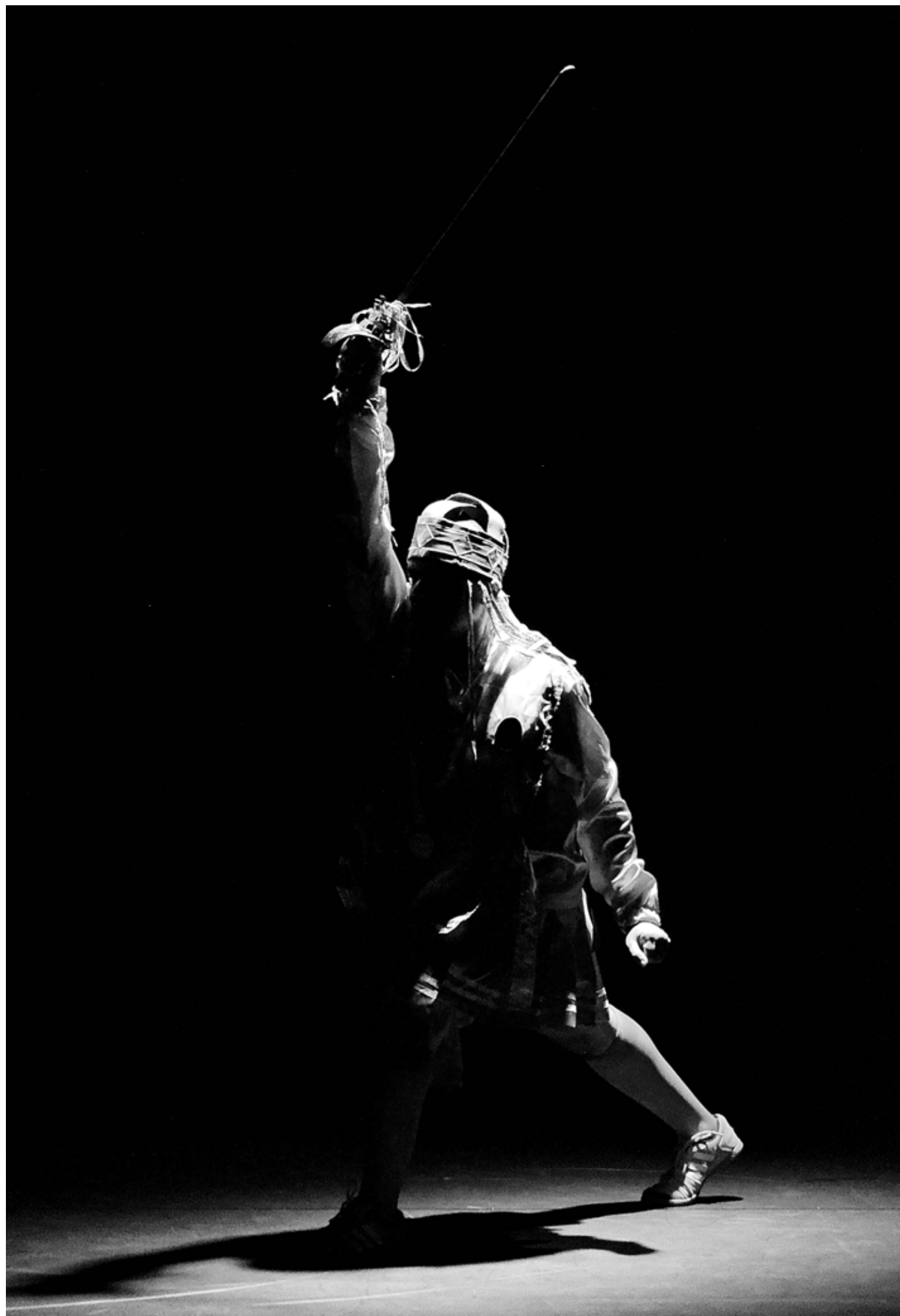
Eu busco aprimorar minha arte coreográfica praticando, experimentando e fazendo aulas.

Tenho feito videoclipes, flash mobs e também dou aulas e workshops em São Paulo.

VOU DANÇAR

Meu plano é continuar estudando e aprender novos estilos de dança no Brasil e no exterior. Quero também criar um local que seja ponto de desenvolvimento artístico para a área de dança e entretenimento, possibilitan-

do uma troca de conhecimento e experiências multi-facetadas. Também tenho objetivo de coreografar grandes artistas e criar meus próprios vídeos conceituais.



FUNDAÇÃO CARIARI

Costuma-se pensar que a dança brasileira concentra-se no eixo Rio-São Paulo-Minas, por vezes o nordeste é lembrado. Em estados como o Ceará, durante muito tempo, difundiu-se que só existia dança nas capitais do sudeste. Em nenhum dos casos a premissa é verdadeira. A dança brasileira é plural, e a cearense é muito forte e digna de reconhecimento.



Na região do Cariri, situada a 560km da capital, existe há 10 anos a Associação Dança Cariri que pensa na dança em seu macro e realiza múltiplas ações para fomentar essa arte. Quando a associação foi fundada em Juazeiro do Norte, a dança acontecia apenas por meio de manifestações populares. Hoje, com a iniciativa, conseguiram conquistar sete escolas de dança, quatro companhias de dança contemporânea, um festival nacional que acontece em abril e já está no calendário da cidade e um seminário teórico.

Hoje, a dança do Cariri dialoga com a dança do Brasil inteiro e em breve isso se estenderá para o mundo. Em julho de 2013, o fundador e ex-presidente da as-



sociação Alysson Amancio estreou seu solo Cajuína como convidado no Festival Memminger Meiler, na Alemanha. “Defendo que o fato da dança ser de uma cidade do interior ela não é ou não precisa ser inferior à dança de nenhum lugar” – conta Alysson para a Revista Dançar. – “Temos um trabalho de pesquisa sério na Associação Dança Cariri e criamos produções coreográficas não somente para o Cariri, mas para o mundo.”

A Associação Dança Cariri já levou para o Ceará artistas e professores importantes como Vera Aragão, Ana Vitória, Dani Lima e Esther Weizman do Rio de Janeiro; Penha de Souza, Gilsamara Moura, Helena Katz, Marcos Moraes de



São Paulo; Lakka de Minas Gerais; Flavio Sampaio do Ceará; Teodora Alves do Rio Grande no Norte; e Lu Spinelli do Sergipe.

Segundo o fundador, este intercâmbio e o forte investimento na formação têm promovido um desenvolvimento avassalador na dança caririense e por esse motivo está com uma forte campanha para a criação do Curso Superior de Dança na região. “Não queremos que os nossos bailarinos saiam de sua terra natal para ter que estudar e sobreviver da dança, queremos que Cariri tenha mercado de trabalho e estudo para os artistas da dança”.

Alysson Amancio deixou também um

convite aos leitores da Revista Dançar – “convidamos a todos os artistas da dança a conhecerem esta instituição, circulem com o seus espetáculos por aqui. Se criarmos espaços de trânsito da dança também nos interiores, toda dança nacional se fortalece”.

Atualmente, a presidente da associação é a produtora Luciany Maria. As aulas promovidas pela escola de dança da associação são gratuitas e vão desde a dança contemporânea, alongamento, flexibilidade, balé clássico até o jazz. As aulas são destinadas a jovens de todas as classes sociais, especialmente para aquele que têm baixa renda, e que desejam ingressar na área da dança como profissionais.

